



Sofia Berberan, s.d. Cortesia da artista

O LUGAR VOLÁTIL DA FALA

ZIA SOARES

Sempre habitaram em mim lugares utópicos, Angola que conheço pelo relato dos meus pais, Portugal que era um local de passagem e se tornou a nossa casa, Timor para onde nunca chegámos a partir, e o palco.

A minha história constrói-se na matéria volátil da fala, as poucas fotografias da minha infância e da juventude dos meus pais são imagens desfocadas e longínquas. Durante anos os meus pais apontavam para fotografias de rostos desfocados e eles ganhavam nitidez nas suas descrições. Algumas imagens surgem das histórias que ouvi e só existem dentro de mim. A minha memória passa da palavra para a imagem interior e esta é talvez a síntese das questões identitárias, pessoais e artísticas, com que me deparo no meu quotidiano e que se reflectem na prática artística do Teatro GRIOT.

A memória que tenho de Angola, país onde nasci, surge da memória dos outros e confronta-se inevitavelmente com a sua natureza ficcional e com o meu corpo negro. A minha história é em algum sentido a história do Daniel Martinho, do Gio Lourenço e do Matamba Joaquim – os actores do Teatro GRIOT. O nosso corpo carrega a história de uma intersecção de territórios, alguns geográficos, outros simbólicos, e a visibilidade do palco permite levantar questões que enquadram a pesquisa da companhia: o que é ser negro? o que é ser afro-europeu? o que é ser português negro? pode ser-se português não branco? pode ser-se negro e não ser africano? A relação da identidade com o território, a memória, a amnésia selectiva e de como isto se pode reflectir num objecto artístico.

O Teatro GRIOT surge em 2009 perante a constatação de que em Portugal a presença de actores negros no teatro, no cinema e na televisão era secundária,

silenciosa e estereotipada. Esta ausência de auto-representação visual e discursiva reflecte-se no imaginário colectivo, sendo simultaneamente causa e sintoma. Os projectos da companhia surgem precisamente da tensão entre memória colectiva e memória individual, entre imaginário colectivo e imaginário individual, como ponto nevrálgico de um movimento de contra-memória que questiona a univocidade da História como possibilidade de reinvenção do futuro.

Somos uma companhia de actores, actores negros – o corpo como signo tangível traz à discussão a descolonização do imaginário colectivo, da linguagem, das artes, e num sentido mais lato, uma descolonização epistemológica e historiográfica. O que o Teatro GRIOT leva a palco não pode deixar de ser um reflexo muito concreto e visível desse movimento no contexto socio-político contemporâneo.

A nossa história, a do Daniel, do Gio, do Matamba e a minha, não pode desligar-se daquilo que a companhia se tem vindo a tornar. Lembro-me de o Gio contar que chegou com 3 anos ao Bairro do Fim do Mundo, vindo de Luanda, e que o seu quotidiano só transpôs as fronteiras do Fim do Mundo já adolescente. O Gio estreou-se como actor aos 15 anos no São Luiz Teatro Municipal. Lembro-me de no nosso quotidiano, pessoal e profissional, evitarmos locais e situações porque a validade do título de residência do Matamba tinha expirado. Pouco tempo depois o Matamba foi o único actor a participar em duas longas-metragens seleccionadas para a 69ª edição do Festival de Locarno. E o Daniel Martinho, um dos primeiros actores negros a ter visibilidade no teatro, no cinema e na televisão em Portugal, com uma carreira de 40 anos que não pode deixar de ser um exercício de resistência.

Somos uma companhia de actores negros, em parte porque aconteceu assim, mas isso tem um significado concreto, implica-nos e implica os espectadores numa reflexão sobre a presença negra no palco, no meio artístico e na sociedade. O acto político mais efectivo talvez seja a desconstrução de estereótipos raciais e identitários que cada espectáculo do Teatro GRIOT representa.

Em 2011 dá-se o primeiro encontro com o encenador Rogério de Carvalho, a sua relação com o texto e a voz, a sua visão cinematográfica da cena e os processos meticulosos e obsessivos que desenvolve com o actor, inscrevem-se na identidade artística da companhia. Nas suas palavras “o que tem lugar não se pode dizer com a língua que se fala vulgarmente – é necessário encontrar outras modalidades de palavras para dizer o que nos acontece colectivamente. É uma odisseia. De grande risco. Obriga a encontrar o novo.”

Após 5 meses de ensaios, nasce “Faz Escuro nos Olhos”. É este “Faz escuro nos olhos” que nos leva ao Elinga Teatro, em Angola, para aquela que viria a ser a nossa primeira apresentação internacional. No palco do Elinga falamos de morte, de guerra, de fome, de pilhagem, de revolução. Os nossos corpos já não são organismos naturais, são arquitecturas, ficções. Presentimos nessa noite o lugar do Teatro GRIOT: o palco como lugar de ensaio, experimentações autobiográficas cuja verdade permanece intratável, fugidia, emancipada. Um lugar onde ensaiamos o gesto e a desobediência lúcida.



Joaquim Arena, Deserto de CV, 2017. Cortesia do autor

A VIAGEM

JOAQUIM ARENA

Parou o carro junto a um cruzamento. A aldeia surge-lhe deserta, diáfana. Ele caminha pelo silêncio da encosta, estrada acima. Faz um esforço para recuperar ínfimas memórias do local, rever o cenário dos acontecimentos daquele Verão dos seus treze anos. Uma mulher de idade vem subindo pela estrada, lentamente. Ele pergunta-lhe pela casa e diz-lhe o nome do proprietário. Já deve estar reformado há muito, adianta. Ela olha-o intrigada: essa pessoa vendeu tudo e foi para França com a mulher, responde ela. Por instantes, ele duvida se estarão a falar do mesmo homem e pensa em como os mais velhos, por vezes, têm universos desconhecidos, profundidades insondáveis. Mas ela insiste, conhece-os muito bem; é parente? pergunta-lhe. Mais ou menos. Ela olha-o, demoradamente, estranhamente. Pois, retoma ela, é que pela sua idade e pela aparência, estava aqui a pensar se você não seria seu filho. É que tirando os que estão em França, ele teve outro fora do casamento, lá em Penamacor... E ele pensa: o segredo do seu passado,

atravessando mar e tempo, ainda alimenta corações cansados. Penamacor, ilha do Sal... o remoto não tem fronteiras. Tem planos inclinados. Ele aquiesce, timidamente. Ela sorri e olha em volta, como que para partilhar com alguém o alcance da sua perspicácia. Beija-lhe a face, enlevada em cumplicidade. E o outro lado da história, contada por entre dentes, desenrola-se na tarde iluminada: a legítima esposa, muitos anos antes, vira na criança que ali fora à aldeia procurar o pai, ao lado da mãe mestiça hesitante, os traços inequívocos do homem seu marido. Como poderia ela, mulher traída, segurar tamanha afronta no peito. Como distinguir a cor por entre a angústia e o peso da decepção. Penamacor também pode ficar no meio do mar. Também há sal por entre os seixos da meseta. Mas a senhora idosa abre os olhos molhados de satisfação: ele não perdeu a viagem, não, o seu pai, ainda cá tem uma irmã, que mora ali no fundo da estrada, bem antes da casa verde, ali, veja, depois da curva da estrada. Agradece infinitamente e desce a rua ladeada por um muro de pedra. Abre o

portão e sobe pela escada de mármore ao primeiro piso. Vivenda de emigrante. Mármore, relva aparada e palmeiras anãs. Anos de trabalho árduo. Alguém abre a porta, só pode ser ela, a sua tia Clemência. Lívida. Leva a mão ligeiramente à boca, e sem o saber entrou na tarde das surpresas. Viu o irmão no jeito, no rosto do desconhecido, ali à sua frente, antes mesmo de ele se pronunciar. Na verdade, viu o irmão que outrora conheceu, bem mais jovem, capaz de um acto poético ou de tímida grandeza. No interior da casa, soam talheres e pratos. Ele entra para a sala de visitas, guiado pela mão tímida e parente, encontrada numa aldeia de montanha. A tia Clemência vai num instante mudar de roupa. Atrapalhada. Arranjou também o cabelo, penteando-o para trás. A televisão está sintonizada num canal francês. Chegam também o marido e o filho, como estranhos na sua própria casa. António e o outro cujo nome ele não retém. Ela refere-se-lhe como meu filho coxo. Metáfora para lento, com algum atraso, mas filho até ao fim. Sentados, ela conta-lhe como o seu pai e a mulher, de facto, venderam tudo e foram para Saint-Étienne, França, há uns poucos de anos. Nisto, ele vê no tio António uma personagem da série americana, os Sopranos. Óculos de massa e camisa aberta no peito. Está reformado, diz-lhe a tia Clemência. Mas pelo tom, sai como está acabado. Problemas de coração ou locomoção, ele fica sem saber ao certo. Ele pergunta pelos irmãos, sabe que estes existem. Todos em França, responde a tia Clemência. Trabalham em fábricas. Mas há um terceiro que estudou. Está casado com uma moça de um desses países quentes e trabalha numa embaixada francesa.

Ela muda o semblante, pede-lhe para perdoar o irmão, coitado. Foi sempre boa pessoa. Quando a mãe morreu foram morar com uma tia porque eram muito pobres. Foi sempre pastor de cabras, até engravidar a moça e ser obrigado a casar com ela. E ela tomou as rédeas e até hoje controla tudo. O tio Soprano conforta-a com o olhar vesgo e enviesado. O seu pai está muito cansado, já se esquece muito, continua ela. Ele nunca falou de mim, pergunta ele. Não, responde a tia Clemência. A tarde esgota-se num ápice, amolecendo surpresas e mistérios vespertinos. Ele despede-se do tio surdo e do primo coxo. Da varanda observa toda a extensão do milheiral da propriedade. Em Cabo Verde seria a fortuna de uma família. Ali era comida para animais. A tia Clemência acena da varanda, como uma silhueta de cais antigo. Ele deixa a aldeia pela mesma estrada por onde chegou. No outro lado do vale, vê a aldeia como que suspensa sobre o planalto. Recorda as palavras da sua mãe, muitos anos antes, atravessando aqueles mesmos montes no velho Ford Taunus de 1960. Tivesse ela adormecido e acordado, pensou em voz alta, diria que estava na ilha de São Nicolau, nas terras altas da Gombeza e do Cachaço, depois das chuvas de Agosto. Estava na mesma estrada, lembrou-se, por onde o pai terá regressado, um dia, da ilha do Sal. Quando lhe pesava no coração o segredo de uma terra árida e plana. Da encosta chega-lhe a sombra inquieta de um eucalipto. Percorre com os olhos as veredas verdejantes e imagina a criança que o progenitor terá sido. Sacola às costas e boné na cabeça, atrás de um rebanho. Talvez com fome. No ar paira o odor fresco da árvore e nas folhas o murmúrio ressumante da passagem do vento. Este desce pelas gargantas e vales profundos até vários quilómetros abaixo. Subitamente, ele sente um ligeiro cansaço, fadiga, provavelmente provocado pelos acontecimentos daquela tarde e pelo calor sufocante de Agosto. A estrada traz-lhe de novo o perfume do campo e a melancolia estival, que sobe pelos cumes e cabeços em direcção à serra. Por breves instantes, sente-se atravessado por um anseio irresistível por lugares distantes. Vêm-lhe à memória as únicas palavras que naquele dia escutou da boca do pai, as únicas, os senhores habitam onde?